



AS INTERSECCIONALIDADES NA ESFERA CULTURAL DO LAZER DIANTE DOS DESAFIOS DA COLONIALIDADE DO SABER

Cathia Alves¹

*Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo, Campus Salto,
São Paulo, SP, Brasil.*

Lucilene Alencar das Dores²

*Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo, Campus
Campos do Jordão, São Paulo, SP, Brasil.*

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre o contexto da interseccionalidade associada às esferas culturais do lazer. Compreendemos que interseccionar é tornar indivisível as estruturas sociais de raça, gênero, classe, entre outras, que operam as avenidas identitárias e são responsáveis pelos cruzamentos e interposições coloniais, tendo em vista a complexidade das opressões. Interessa-nos, de imediato, identificar trabalhos cujos títulos apresentem as palavras-chave “lazer”, “interseccionalidade”, “intersecções” para, posteriormente, refletir sobre como se dá a abordagem desses temas nos artigos apontados pela busca. Para tal, utilizamos como recurso metodológico a bricolagem. Notamos que o campo do lazer utiliza a abordagem interseccional de maneira crítica, tomando essa categoria como analítica, pedagógica e política.

¹ Pós doutora em Estudos Culturais (USP/EACH), docente do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo, campus Salto, desde 2014. Atua em projetos de ensino, pesquisa e extensão. Líder do Grupo de Pesquisa LIMC/IFSP, integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/IFSP), do grupo de Laboratório de pesquisa sobre formação e atuação profissional em lazer (ORICOLÉ/ UFMG), da Rede Otium e da Rede ABPN. E-mail: alves.cathia10@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4768-0539>

² Doutora e Mestre em Estudos do Lazer pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo, campus Campos do Jordão (IFSP-CJO). Integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/IFSP), do grupo de Laboratório de pesquisa sobre formação e atuação profissional em lazer (ORICOLÉ/ UFMG), do Núcleo de Estudos em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade (NEPGRES) e da Rede ABPN. E-mail: lucilene.pelc@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5238-4498>



Palavras-Chave: Lazer; Interseccionalidade; Estudos do Lazer; Colonialidade.

INTERSECTIONALITIES IN THE CULTURAL SPHERE OF LEISURE IN FACE OF THE CHALLENGES OF THE COLONIALITY OF KNOWLEDGE

Abstract: The objective of this article is to reflect on the context of intersectionality associated with the cultural spheres of leisure. We understand that to intersect is to make the social structures of race, gender, class, among others, which operate the avenues of identity and are responsible for colonial intersections and interpositions, given the complexity of oppressions. We are immediately interested in identifying works whose titles present the keywords, “leisure”, “intersectionality”, “intersections” to later reflect on how these themes are approached in the articles highlighted by the search. To this end, DIY was used as a methodological resource. We note that the field of leisure uses the intersectional approach in a critical way, taking this category as analytical, pedagogical and political.

Keywords: Leisure; Intersectionality; Leisure Studies; Coloniality.

INTERSECCIONALIDADES EN EL ÁMBITO CULTURAL DEL OCIO ANTE LOS DESAFÍOS DE LA COLONIALIDAD DEL CONOCIMIENTO

Resumen: El objetivo de este artículo es reflexionar sobre el contexto de interseccionalidad asociado a los ámbitos culturales del ocio. Entendemos que intersectar es hacer indivisibles las estructuras sociales de raza, género, clase, entre otras, que operan las avenidas de la identidad y son responsables de las intersecciones e interposiciones coloniales, dada la complejidad de las opresiones. Inmediatamente nos interesa identificar obras cuyos títulos presenten las palabras clave “ocio”, “interseccionalidad”, “intersecciones” para luego reflexionar sobre cómo se abordan estos temas en los artículos destacados por la búsqueda. Para ello utilizamos el bricolaje como recurso metodológico. Observamos que el campo del ocio utiliza el enfoque interseccional de manera crítica, tomando esta categoría como analítica, pedagógica y política.

Palabras-clave: Ocio, Interseccionalidad, Estudios del Ocio, Colonialidad.



INTERSECCIONALIDADES DANS LE DOMAINE CULTUREL DES LOISIRS FACE AUX DÉFIS DE LA COLONIALITÉ DU SAVOIR

Résumé: L'objectif de cet article est de réfléchir au contexte d'intersectionnalité associé aux sphères culturelles du loisir. Nous comprenons que se croiser, c'est rendre indivisibles les structures sociales de race, de genre, de classe, entre autres, qui exploitent les voies de l'identité et sont responsables des intersections et interpositions coloniales, compte tenu de la complexité des oppressions. Nous nous intéressons d'emblée à identifier les ouvrages dont les titres présentent les mots-clés « loisir », « intersectionnalité », « intersections » pour réfléchir ensuite à la manière dont ces thématiques sont abordées dans les articles mis en avant par la recherche. Pour cela, nous avons utilisé le bricolage comme ressource méthodologique. On constate que le domaine du loisir utilise l'approche intersectionnelle de manière critique, considérant cette catégorie comme analytique, pédagogique et politique.

Mots-clés: Loisirs; intersectionnalité; études de Loisirs; colonialité.

INTRODUÇÃO

Eu sou indígena, indígena favelada. Eu não vou me conter com a migalha. Eu não vou me contentar nunca com o descaso, com fome, com a margem de um sistema que não escolhemos. Que fomos impostos, invadidos. Roubados. Todo esse ouro, toda essa riqueza. Tudo cheio de sangue, tudo construído em cima de nossos corpos. Mainha me ensinou a ouvir e me esconder. E a favela me ensinou a revidar. Eu tava rezando na mata, rezando pra não ver um corpo boiando na água. Eu não tava onde você tava. Eu tava sendo escravizada, me perdoa. Eu tava sendo escravizada. Me estupraram, me perdoa. Me roubaram. Eu quero voltar. Mainha, o problema foi tá colonizada demais. Foi ter se escondido demais. Eu sonhei. Era tão lindo o mundo que a gente construiu junto. Vamo cantar junto de novo, vamo plantar tudo de novo. Lutar por aquele mundo, que a gente respira junto, que a gente existe (GUAJAJARA, 2021, n.p.).

O trecho acima faz parte da música *Ancestralizou*, de Kaê Guajajara, mulher, cantora, compositora e indígena do povo Guajajara, rapper que denuncia, por meio da arte, as violências sofridas como mulher indígena no contexto contemporâneo urbano. Reconhecida tanto pela sua potência musical



na cena do rap quanto pelo racismo sofrido por ser uma das poucas mulheres indígenas brasileiras a cantar rap, Kaê é o retrato vivo da “colonialidade enquanto o lado mais escuro da modernidade” (MIGNOLO, 2017, p. 2).

A raça é a marca da diferença colonial que Kaê, negras, negros e pessoas denominadas “não-europeias” carregam ainda hoje por não corresponderem ao padrão global de poder. Kaê canta letras de música que dizem de marcas individuais e coletivas atravessadas pela complexidade da experiência colonial, que tornam indivisíveis as estruturas sociais de raça, gênero e classe: “o descaso, com fome, com a margem de um sistema que não escolhemos”; “Eu tava sendo escravizada. Me estupraram, me perdoa” e “o problema foi tá colonizada demais, foi ter se escondido demais” (GUAJAJARA, 2021, n.p.)

Inspiradas pela música e a sua capacidade de provocar reflexão sobre o que foi a invasão das terras brasileiras, a dominação de corpos e culturas e a constituição das marcas identitárias interseccionadas de raça, gênero e classe, como pesquisadoras do campo dos Estudos do Lazer, voltamos nossos olhares para as manifestações culturais no âmbito do lazer como artefatos culturais que comunicam resistências ao projeto colonial, bem como a sua própria manutenção, entendida neste artigo como a marca do colonialismo na contemporaneidade, ou seja, a colonialidade.

O conceito de colonialidade do poder foi desenvolvido por Anibal Quijano no início da década de 90, sendo aceito e difundido por autores/as do pensamento decolonial por tratar a colonialidade tanto do ponto de vista econômico e político quanto cultural. A colonialidade é a condição de persistência da hierarquização racial entre os seres humanos, sendo a raça o elemento que orienta e organiza os discursos da modernidade que validam a exploração dos corpos “não brancos”/“não europeus”, com vistas a alcançar lucro.



Como forma de explicar a permanência duradoura da colonialidade do poder no contexto atual, Mignolo (2005) aponta para a existência de um imaginário pautado por um padrão mundial de poder de homem-branco-heterossexual-europeu, de modo que tudo o que foge a esse modelo é determinado como periferia, inferior e subalterno. Para o autor, esse padrão de poder coloniza a constituição da subjetividade do imaginário de forma que a cultura europeia exerça uma influência opressora sobre as outras culturas.

Alinhado a esse discurso, Quijano (1992, p. 12) compreende que a colonialidade exerce influência na cultura, uma vez que “a imposição do uso de padrões próprios de expressão dos dominantes, bem como de suas crenças e imagens referentes ao sobrenatural, serviu não só para impedir a produção cultural do dominado, mas também como meio muito eficaz de controle social e cultural”.

A ideia da colonialidade impõe um imaginário pautado pela produção do conhecimento centrado na Europa, o que reforça a compreensão da dominação colonial europeia sobre o resto do mundo e demonstra que a estrutura de poder é um componente da colonialidade. Ou seja, o eurocentrismo é a estrutura base para a colonialidade e considera a Europa como centro do mundo, sendo o europeu superior no seu modo de vida, associado a uma formação cultural, o que pressupõe a desqualificação e a rejeição dos costumes e ideologias dos “não-europeus”.

A colonialidade evidencia também a dimensão epistêmica do poder, sendo um aspecto constitutivo e não derivado, pois se refere “ao efeito de subalternização, folclorização ou invisibilidade de uma multiplicidade de saberes que não responde às modalidades de produção do 'saber ocidental' associado à ciência convencional e ao discurso especialista”, podendo, portanto, ser nomeada como colonialidade do saber (RESTREPO; ROJAS, 2010,



p. 136). O entendimento da colonialidade do saber é fundamental para a compreensão da dimensão política que constrói seus argumentos, tendo em vista a colonialidade do poder, pautada por um padrão global de poder de relações de dominação, exploração e conflito em torno do trabalho.

Perante o entendimento da existência de poder na produção cultural e do saber, marcadamente determinados pela colonialidade, buscamos investigar a produção de conhecimento sobre o lazer, como manifestação cultural, com o intuito de identificar as marcas identitárias interseccionadas de raça, gênero e classe que foram silenciadas e/ou perpetuadas ao longo da construção e da consolidação desse campo. Sendo assim, apresentamos a seguinte problemática: como o lazer e a interseccionalidade são abordados ou silenciados no campo dos Estudos do Lazer, considerando os atravessamentos da colonialidade?

Assim, o objetivo deste estudo é refletir sobre a produção do conhecimento no campo dos Estudos do Lazer, com vistas a perceber como a interseccionalidade se estabelece ou não nos estudos desse campo, que também é marcado pela colonialidade do saber. É tarefa do presente artigo identificar os temas que se interrelacionam com essa temática, quem produziu os estudos disponíveis, qual base teórica foi utilizada pelos autores e autoras e o que foi produzido nesse entrecruzamento de lazer e interseccionalidade nos últimos anos.

Reconhecemos que a interseccionalidade é uma ferramenta que investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana, sendo, portanto, uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (COLLINS; BILGE, 2021). A partir disso, compreendemos que interseccionar é tornar indivisível as estruturas sociais de raça, gênero, classe, entre outras, que



operam as avenidas identitárias e são responsáveis pelos cruzamentos e interposições coloniais, reforçando a complexidade das opressões. Tendo em vista esse contexto, a intersecção significa a convergência de diferentes marcas individuais e coletivas.

Como percurso metodológico, realizamos um levantamento de artigos publicados nas plataformas da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Google Acadêmico, que apresentam em seus títulos e/ou resumos as palavras interseccionalidade, intersecção e lazer. Em seguida, fizemos a leitura e a análise dos estudos, partindo do pressuposto de que a interseccionalidade é uma ferramenta analítica, pedagógica e política que possibilita olhar, de forma ampliada e crítica, para as manifestações culturais no âmbito do lazer como forma de desvelar como as estruturas de poder agem, constroem e oprimem. O texto e o interesse pela temática surgem também pela “popularidade” do termo interseccional, que indica redução e limitação em seu sentido real e originário. Notamos um incômodo no sentido de que interseccionalidade e intersecção passam a ser usados em diversas fontes e linhas ligadas a diversidade e diferença, distanciando-se das opressões de mulheres negras, mais atingidas e mais condenadas pela colonialidade do saber.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Pensar numa metodologia que escape da colonialidade do saber é, para além de um desafio, um exercício de resistência e de reencontro com formas de análise que se remetem aos modos mais artesanais de fazer pesquisa. Ademais, refletir sobre um modo artesanal de fazer pesquisa na perspectiva de mulheres é ainda mais contestador.



Para Helene Cixous (2018), não basta que uma produção seja assinada por uma mulher para ser caracterizada como uma escrita feminina. Um texto feminino, escrito por mulher, não tem um fim, muitas vezes não tem ponta, inicia-se por lados opostos e não se antecipa. Para a autora, a mulher sente, antes de querer e fazer uma escrita.

Desse modo, não adotamos um método único, um caminho traçado do início ao fim, mas trilhamos nosso percurso de acordo com que o campo nos deu. Nesse sentido, temos procurado caminhar pelos campos da bricolagem, tecendo o texto, colando, montando e desmontando, identificando caminhos e reflexões para análise (PARAÍSO, 2004).

A primeira avenida pela qual caminhamos trouxe o diálogo sobre como o conceito de interseccionalidade estava sendo visto no campo do lazer (nosso local de pertencimento). Assim, fomos para as ruas das plataformas do Google Acadêmico, da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e da Fundação de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Nessas três ruas, dispusemos os termos-chave: interseccionalidade e lazer, intersecção e lazer.

Foram encontrados uma tese, um livro e 11 artigos. Por questões relacionadas ao tempo e à dinâmica, recolhemos os 11 artigos para exploração. Desses 11, um foi encontrado no Google Acadêmico; um, no Google acadêmico e na CAPES; e nove deles, somente na CAPES. Dos nove artigos localizados na CAPES, quatro apresentaram a palavra “intersecções” somente nos títulos dos textos. Dessa forma, o processo de análise limitou-se à compreensão do significado dessa palavra nos próprios títulos dos artigos. Sendo assim, realizamos a leitura de cinco artigos localizados na CAPES, acrescidos de um artigo do Google Acadêmico e mais um localizado no Google Acadêmico e na CAPES, totalizando sete artigos. Não foi registrada nenhuma



pesquisa na Lilacs com as palavras-chave lazer e interseccionalidade; lazer e intersecção.

A partir dos artigos selecionados, iniciamos a leitura dos títulos, dos resumos, a análise do referencial teórico e a identificação do território que deu origem aos textos.

CONVERSAS: O LAZER E AS LENTES DA INTERSECCIONALIDADE

Abordar a categoria interseccional não é algo inédito, mas refletir sobre essa categoria como ferramenta política e pedagógica no campo do lazer é um tema recente, que merece aprofundamento. Associar interseccionalidade e políticas públicas de lazer é colaborar com uma política que favoreça que sujeitos colonizados (as) ocupem outros espaços, que não se estabeleçam a partir da criação e do olhar do machismo, do patriarcado, do sexismo, do racismo e da ausência da democracia. As categorias de gênero, raça e classe não são fixas e consideram pontos móveis de tensão, principalmente nos processos educativos.

Kimberlé Crenshaw (2020) nos ensina que a interseccionalidade está fundamentada nos encontros de raça e gênero, que fabricaram estruturalmente, nos âmbitos político, econômico e cultural, violências e opressões efetivas contra as mulheres negras. Segundo a autora, existe em nossa sociedade uma interseccionalidade estrutural que envolve, para além das categorias de raça e gênero, as questões de classe, de cor, orientação e identidade sexual, a pobreza, a falta de emprego, a moradia, o contexto de mulheres imigrantes, latinas, negras e, ainda, a ausência de autonomia financeira da mulher e as barreiras linguísticas.

Consideramos que há uma interdependência mútua entre gênero, raça e classe, que nasce, em oposição a um feminismo puramente branco, de classe



média e heteronormativo,³ no fim da década de 70. Assim, a interseccionalidade surge como a possibilidade de dirigir olhares plurais para a diversidade e a diferença de múltiplas identidades, com enfoque na desigualdade social (HIRATA, 2014).

Angela Davis (2018) afirma que as categorias de raça, classe e gênero devem ser consideradas em conjunto. A autora, no contexto americano, cita a luta das mulheres por direitos, reforçando que se tratou de um movimento ideologicamente definido como uma luta pelos direitos de mulheres brancas e de classe média, apagando as mulheres pobres, da classe trabalhadora, negras, latinas e outras silenciadas do campo do discurso alcançado pela categoria “mulher”.

A partir dos olhares de Patricia H. Collins e Sirma Bilge (2021), compreendemos que a interseccionalidade é uma ferramenta analítica, fruto de uma criticidade da prática, na qual raça, gênero, sexualidade, capacidade física, status de cidadania, etnia, nacionalidade e faixa etária são pontos recíprocos que desenham a sociedade e suas complexidades.

Portanto, ao refletir sobre esse termo, estamos processando uma ideia das associações de poder, ser e saber, para além de fixar e manter os condenados e condenadas em seus lugares (FANON, 2008). A tríade colonizadora do poder, do ser e do saber pode avançar para a decolonialidade do corpo aberto, com pontes que rompem as fronteiras e se aprofundam nos contatos e nas igualdades humanas (MALDONADO-TORRES; GROSFUGUEL, 2018).

³ “[...] regime da heterossexualidade [que] atua para circunscrever e contornar a ‘materialidade’ do sexo e essa ‘materialidade’ é formada e sustentada através de – e como – uma materialização de normas regulatórias que são, em parte, aquelas da hegemonia sexual (BUTLER, 2010, p. 170).



Abordar o lazer num contexto interseccional representa uma possibilidade de refletirmos sobre um direito social não democratizado, provocando-nos a tentar entender os cruzamentos e atravessamentos no que se refere especificamente a um conjunto massivo de pessoas vulneráveis que não acessam o lazer e suas manifestações. Além disso, instiga-nos a refletir sobre como se dá a vivência do lazer daquelas pessoas que o acessam como manifestação cultural, considerando a presença invasiva da colonialidade nas relações sociais contemporâneas.

Para Kimberlé Crenshaw (2020), o processo interseccional pode fornecer possibilidades para lidar com outras marginalizações. A raça, por exemplo, pode ser aliança para as pessoas heterossexuais e para a comunidade LGBTQIA+ resistirem à normalização heterossexual impregnada em determinadas culturas e religiões. Reconceituar a identidade pode colaborar para o fortalecimento de redes de poder e produzir novos saberes em torno das categorias e de suas especificidades.

Ao eleger a interseccionalidade de gênero, raça e classe para (ampliar o olhar sobre) iluminar os contextos de lazer, indicamos que o termo classe está associado às minorias sociais e ao alargamento das oportunidades de condições de acesso para uma vida econômica menos desigual. A categoria raça é posta como uma forma de demarcar um campo e ser antirracista; e o gênero, por sua vez, é uma categoria que envolve os temas da sexualidade, dos desejos, da orientação sexual e das identidades. O atravessamento das três temáticas incide na valorização da vida e na igualdade de direitos (ALVES, 2021).

Kimberlé Crenshaw (2020) chama a atenção para o fato de que, se formos conscientes sobre as questões de interseccionalidade, seremos capazes de reconhecer, fundamentar e agir para as diferenças que estão marcadas entre nós, podendo identificar os meios pelos quais essas diferenças



podem colaborar para a construção de políticas comunitárias rumo a mudanças.

A autora considera o tráfego, o trânsito, para exemplificar as reflexões em torno da interseccionalidade. Ela aponta para as ruas e seus cruzamentos, indo e vindo em todas as direções, mostrando como a interseccionalidade atua por meio da história de uma mulher em busca de trabalho. O fato de não ser contratada para uma vaga de emprego, por ser mulher e negra, uma vez que poucas mulheres que atuavam naquela fábrica naquele período eram brancas, é colocado em foco (CRENSHAW, 2002). Esse exemplo descreve uma dupla opressão, um cruzamento interseccional de gênero e raça que provoca a discriminação racial e sexual.

Os problemas de justiça social se cruzam, se interpõem com o racismo, com o sexismo, entre outros, fabricando diferentes níveis de injustiça social, por não considerar as múltiplas experiências de identidade dos sujeitos, produzindo uma subordinação interseccional, ou seja, resultado de uma opressão que está vinculada a uma vulnerabilidade pré-existente. Por outro lado, a interseccionalidade é transitória, não totalizante e não esgota as possibilidades de fazermos justiça (CRENSHAW, 2002, 2020).

Carla Akotirene (2019) acrescenta que a intersecção só é válida se for ferramenta política, atrelada a: a) uma instrumentalidade conceitual de raça, classe, nação e gênero; b) sensibilidade interpretativa dos efeitos identitários; e c) uma atenção global específica para a matriz colonial moderna, que diminui a análise para somente um eixo de opressão. A autora afirma que interseccionar é pensar no sistema de opressão que está interligado.

Logo, abordar o trio gênero, raça e classe, entre outros, como luz para o lazer, é fazer uma escolha de resistência, contra opressões, violências e aumento das disparidades em diferentes frentes e resistir, lutando pela liberdade e pelas mudanças (ALVES, 2021).



Segundo Akotirene (2019), a interseccionalidade nos ensina sobre mulheres negras que estão historicamente posicionadas em avenidas e cruzamentos distantes de um código cis⁴, branco e heteropatriarcal. Trata-se de pessoas de cor, lésbicas, terceiro-mundistas, pobres, sem acesso à educação, que foram interceptadas e cooptadas pelos trânsitos das diferenciações, que excluem identidades e subjetividades complexificadas e diversificadas. É importante destacar que não existe hierarquia de opressão. Mulheres, pobres, comunidade LGBTQIAPN+, pessoas acidentadas e periféricas sofrem ataques, de modo que as intolerâncias não pertencem a um grupo particular. Para a autora, não existe hierarquia de opressão, pois a interseccionalidade se refere ao que será feito politicamente com a matriz de opressão que é responsável por produzir as diferenças.

As diferenças são sempre relacionais, todas e todos são diferentes uns em relação aos outros, então nos interessa compreender e refletir sobre as desigualdades impostas pela matriz de opressão (KILOMBA, 2019).

Segundo Bouteldja (2016), a consciência das opressões cruzadas é visível a todos, só cega aqueles que não querem ver ou que realmente não querem enxergar, é um saber implícito compartilhado por todos, todas e todes, assim como o mito da democracia racial (GONZALEZ, 2019), cuja desmontagem, por Lélia Gonzalez, escancara o racismo vivido no Brasil.

ANÁLISES DE DADOS: AS AVENIDAS DO LAZER E DA INTERSECCIONALIDADE

Para realizarmos as análises temáticas e interpretativas e montar nossa colagem, ou seja, nossa bricolagem, fizemos a organização dos 11 artigos selecionados num quadro que nos auxiliou a identificar os anos de publicação,

⁴ Cisgênero (cis) é o termo utilizado para se referir as pessoas que se identificam, em todos os aspectos, com o gênero que lhe foi atribuído. Há concordância e aceitação entre a identidade de gênero (a forma como a pessoa se vê) e o gênero que lhe foi conferido ao nascer.



as palavras-chave, as graduações dos/as autores/as e o tema principal dos textos. Após preenchimento do quadro, passamos para a elaboração da bricolagem, passeando pelos textos em busca de identificar as relações estabelecidas entre o lazer e as palavras interseccionalidade e/ou intersecção. Assim, iniciamos a escrita a partir do nosso olhar, um olhar feminino.

Quatro artigos dentre os 11 selecionados apresentaram a palavra intersecção somente nos títulos. Eles abordaram a intersecção entre: o balé, o gênero e a sexualidade; o lazer e o esporte performance; o direito ao lazer e o direito à cidade; a saúde e o lazer. Pelo recorte metodológico aplicado, não realizamos a leitura desses artigos, uma vez que eles não apresentaram no corpo dos textos as palavras interseccionalidade e/ou intersecção, bem como suas variações. Acreditamos que tanto a existência de algumas palavras quanto a própria falta agregam sentido ao que se deseja comunicar, sendo assim, os referidos artigos podem apresentar alguma discussão sobre lazer e interseccionalidade ou a ausência dela.

Deixamos aqui os artigos referenciados (ARAÚJO *et al.*, 2015; RICARDO; COUTO, 2023; SANTO; RETONDAR, 2018; SOUZA; CAPRARO, 2021) para os/as leitores/as interessados/as em ampliar o olhar sobre o lazer e seus cruzamentos na produção de conhecimento.

Realizamos o exercício da leitura dos sete artigos dentre os 11 selecionados, tentando levantar: o conceito de interseccionalidade e o referencial teórico utilizado; os saberes mobilizados no contexto do lazer e da interseccionalidade, bem como as tendências de sua comunicação; o conceito de lazer e a maneira como ele se faz presente nos textos. Além disso, levantamos as palavras-chave dos artigos e criamos uma nuvem de palavras para agregar sentido, de forma visual, ao processo de bricolagem e análise dos dados.



Em relação aos anos de publicação dos artigos, tivemos: um artigo em 2013; um em 2018; três em 2021; e dois em 2022. Isso reforça que a relação entre lazer, interseccionalidade e intersecções configura-se como uma discussão recente, que vem sendo desenvolvida academicamente na última década, o que sinaliza para a importância de investimento e ampliação de estudos científicos que abordem essa temática.

Com relação às palavras-chave dos artigos analisados, a nuvem contém as palavras mais recorrentes no texto, o que pode indicar a existência de tendência nas reflexões acadêmicas em relação ao atravessamento de lazer, interseccionalidade e intersecções.

Figura 1: Nuvem de palavras



Fonte: elaborada pelas autoras, 2024.

As palavras que mais nos chamaram a atenção foram “lazer”, “interseccionalidade”, “atividades”, “ciências”, “gênero”, “jovens” e “banca”. O aparecimento das duas primeiras, “lazer” e “interseccionalidade”, já era



esperado, considerando que elas foram utilizadas como estratégia metodológica deste estudo. O interessante foi constatar a ausência da palavra “intersecção”, reforçando uma tendência entre os/as autores/as de evidenciar não só o termo interseccionalidade, como também o referencial bibliográfico que essa palavra demanda para ser abordada com criticidade. Em relação às duas últimas palavras, “jovens” e “banca”, o destaque ocorreu devido a um artigo repetir mais de uma vez o termo “jovens” como palavra-chave. Já a palavra “banca” refere-se a um objeto de estudo de dois artigos distintos, que fazem parte dos artigos selecionados para a análise.

O destaque das palavras “atividades” e “ciências” sugeriu a forma como o lazer vem sendo abordado nos artigos, associado a uma ação prática da vida dos sujeitos e investigado como objeto de estudos e reflexão especialmente nos campos dos Estudos do Lazer, da Educação Física, da Administração, da Antropologia e da Psicologia, áreas abordadas nos artigos analisados. Essa diversidade de áreas do conhecimento reforça o caráter interdisciplinar atribuído ao lazer.

O lazer, como uma área de conhecimento que transpõe as fronteiras das disciplinas e, conseqüentemente, das profissões, apresenta-se como um campo aberto à integração e à interdisciplinaridade na construção dos saberes para a área. Muitas áreas vêm se dedicando a promover novos conhecimentos referentes ao lazer de forma mais abrangente (ISAYAMA, 2003).

Como um campo de estudos, o lazer “não pode ficar na dependência exclusiva de uma disciplina, exigindo a contribuição de várias ciências humanas, de filosofia e de profissionais ligados direta ou indiretamente, como arquitetos, professores de educação física, terapeutas ocupacionais, [...] etc.” (MARCELLINO, 2004, p. 20). A produção de conhecimento por meio da interdisciplinaridade necessita da integração real, da colaboração entre várias disciplinas e de intensidade nas trocas entre os sujeitos.



Nesse sentido, os dados indicam haver uma diversidade de saberes que emergem da relação do lazer com a interseccionalidade, quando consideramos o caráter interdisciplinar do campo e a abertura de possibilidades das diferentes áreas de formação investirem em compreender as manifestações do lazer seja como atividade prática, seja como objeto de estudos a ser problematizado na perspectiva científica.

Sobre o aparecimento da palavra “gênero” nos textos, notamos uma maior presença de mulheres como autoras, o que pode sinalizar uma relação com o próprio interesse das pesquisas, já que essas autoras sentem as opressões de gênero em seus corpos e em suas existências. Assim, dos textos analisados, num total de 18 autores e autoras, tivemos 14 autoras e 4 autores. É importante demarcar que a identificação do quantitativo de autoras e autores se deu a partir da atribuição dos nomes dentro da divisão entre homens e mulheres. Compreendemos que a identidade de gênero extrapola a dicotomia entre homem e mulher e que, de fato, essa forma de separação não reflete a diversidade de gêneros. Mesmo reconhecendo as inconsistências da divisão de dados quantitativos dos/as autores/as, acreditamos que ela pode revelar o interesse investigativo de determinado grupo social no debate de interseccionalidade e lazer que, nesse caso, foi marcado pela maior presença de mulheres.

Os artigos produzidos por mulheres podem apresentar as subjetividades que marcam o tempo/espço de suas existências, afinal, habitar o corpo de uma mulher pesquisadora é olhar criticamente para os objetos de estudos, com lentes atravessadas por machismo, sexismo e patriarcado.

Um ponto interessante é que as produções que tratam da temática de gênero, em geral, falam a respeito da mulher e de questões da dominação masculina, o que nos leva a inferir que os estudos de gênero estão circunscritos aos estudos de mulheres em suas lutas contra a opressão, pela



igualdade de direitos e por visibilidade social, o que é uma provocação a ser repensada, uma vez que gênero não é sinônimo de mulher, nem tampouco de feminilidade. Porém, se a nuvem de palavras deixa registrado “gênero” como palavra de grande incidência, isso pode significar a forma como os estudos vêm sendo produzidos quando abordam a relação entre lazer e interseccionalidades.

A presença da palavra gênero nos artigos pode indicar a relação imbricada de interseccionalidade em cruzamento com esse tema. Ao olhar para os artigos, gênero está colocado como mais um mecanismo de opressão, uma construção sociocultural associada a questões de identidade, orientação sexual e de construção de relações afetivas. E ainda, gênero aparece como binômio relacionado ao acesso e à democratização do lazer entre homens e mulheres, um conceito colonial que se distancia das especificidades de cada grupo. Segundo a professora nigeriana, Oyèrónké Oyěwùmí (2018), a categoria gênero se tornou, nos últimos anos, o elemento mais investigado na tentativa de descrever as características do mundo e prescrever soluções para as políticas públicas. Portanto, falar de interseccionalidade compreende denunciar as desigualdades de gênero, de modo que os textos do campo do lazer também estão prestando esse serviço coletivo.

O ativismo é uma categoria que também se interconecta com o gênero. Compreendemos que a trajetória de vida de uma mulher negra ativista, por exemplo, demonstra como a “desigualdade social e racial em uma sociedade patriarcal como a brasileira, em pleno século XXI, motivou sua dedicação à causa dos direitos humanos, devido ao mito da democracia racial propagado pela classe dominante e pelos seus dispositivos de poder e de massa” (FERREIRA; NUNES, 2021, p. 316). Desenvolver um olhar interseccional sobre as experiências de lazer possibilita dar visibilidade ao ativismo como uma categoria marcadamente atravessada pelos sistemas de opressões.



O primeiro artigo (Restrições ao Lazer Feminino: Particularidades das Experiências de Lazer de Mulheres Homossexuais) encontrado é um texto de 2013, que está na plataforma da CAPES e do Google Acadêmico. Esse texto discute aspectos pertinentes às expectativas de gênero, lazer em família, homossexualidade feminina, homofobia, interseccionalidade entre fatores de opressão social, utilização de espaços urbanos e a definição de lazer. Trata-se de uma investigação de cunho teórico, cujos autores são estrangeiros (Estados Unidos e Canadá). O referencial do texto tem aporte em várias autoras negras, tais como Angela Davis, Kimberlé Crenshaw e Glória E. Anzaldúa, bell hooks (destacamos essas por serem autoras com as quais também dialogamos em nossos estudos no território brasileiro). As palavras-chave do texto são: Atividades de Lazer; Identidade de Gênero; Homossexualidade Feminina.

O conceito de lazer também está pautado em autores estrangeiros e tem como foco relacionar as diferenças de experiências de lazer entre homens e mulheres, apontando para a desigualdade e para o modo reduzido como as mulheres vivenciam essa manifestação (BARBOSA; LIECHTY; PEDERCINI, 2013).

Os autores concluem que, interseccionalmente, as mulheres lésbicas são as mais vulneráveis, pois enfrentam um duplo nível de restrições: por serem mulheres e por serem homossexuais, levando a empobrecidas vivências de lazer. E ponderam que interseccionar é enfatizar que todas as meninas e mulheres compartilham determinados problemas, mas existem outros que não são comuns. Assim, é a interseção desses componentes que define os níveis de opressão ou de privilégios nos contextos sociais (BARBOSA; LIECHTY; PEDERCINI, 2013).

Outros dois textos, publicados em 2021, sobre um projeto de extensão de um Instituto Federal de São Paulo (IFSP) apontam para os usos da interseccionalidade como um farol que ilumina as ações do projeto. As



palavras-chave de um deles são: Banca da Ciência; Lazer; Interseccionalidade. E do outro, Banca da Ciência; Diversidade Cultural; Atividades de Lazer. Esses textos foram escritos por autores e autoras brasileiros, além de uma autora portuguesa. A base teórica conta com autoras negras, inclusive mulheres brasileiras, tais como Angela Davis, Kimberlé Crenshaw, Patricia H. Collins, Sirma Bilge, Carla Akotirene, Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez.

Os autores desses artigos apresentam a categoria intersecção como uma ferramenta pedagógica e política que opera como um candeeiro na elaboração das práticas de lazer para as comunidades. A revisão bibliográfica foi adotada como metodologia nos dois textos, estando associada a relatos de experiência do projeto. Os textos retratam um ativismo juvenil associado às estruturas interseccionais. E ainda, o conceito de lazer está posto como direito social, manifestação cultural e necessidade humana, tendo em vista as subjetividades e o contexto social dos sujeitos. É nesse entrelaçamento que as intersecções de gênero, raça e classe se manifestam (ALVES; PIASSI; BAPTISTA, 2021; MICHELONE; ALVES, 2021).

Percebemos, na exploração desses dois artigos, que o projeto de extensão atua com compreensões interseccionais sobre a desconstrução de identidades, reflexões em torno dos direitos sociais e estereótipos de gênero, das possibilidades educativas para e pelo lazer, e promove acesso a conhecimentos diversos. Os autores e autoras ainda apontam que projetos de extensão universitária demandam mergulhos profundos, que toquem nas interseccionalidades e nas culturas, fabricando novos saberes para a rede de poder se movimentar e os sujeitos se provocarem a novos governamentos de si e dos outros, outras, outres, e tomarem novos rumos (ALVES; PIASSI; BAPTISTA, 2021; MICHELONE; ALVES, 2021).



Outro texto traz como palavras-chave os seguintes termos: Infância; Cidade; Gênero; Espaços públicos livres; Lazer. Foi publicado em 2022, por autores/as do campo da Psicologia que tiveram como objetivo caracterizar as formas de uso dos espaços públicos por crianças em Florianópolis (SC), ligando aspectos de gênero e idade. O método da pesquisa foi a cartografia. Os autores/as notaram a invisibilidade e a baixa presença de meninas nesses locais como marcas da opressão de gênero, notaram que, interseccionalmente, existe uma relação entre gênero e faixa etária que influencia o acesso ao direito ao lazer em espaços públicos, destacando as meninas mais velhas, cuja restrição de vivências é ainda maior (DONIN NETO; BOEIRA, 2022).

Essa pesquisa não utiliza nenhuma das autoras negras que discutem a interseccionalidade. Ao trazer um conceito em torno desse elemento, o texto faz releituras de outros artigos que consideram o efeito da simultaneidade e da interação entre gênero, raça, classe, orientação sexual e nacionalidade (entre outros), como categorias de diferença (DONIN NETO; BOEIRA, 2022).

Os/as autores/as tocam no eixo classe de uma forma fragilizada, pois, embora se refiram à necessidade de equidade social, silenciam sobre a categoria raça. Entretanto, nas considerações finais dos artigos, citam a relevância de incluir a categoria raça nos próximos estudos, pois a maioria da periferia brasileira é formada por crianças e adolescentes negros/as (DONIN NETO; BOEIRA, 2022).

Notamos que existe uma provocação em considerar a interseccionalidade como uma ferramenta política, pois os autores/as indicam que a interseccionalidade entre gênero e faixa etária pode ser apreciada na elaboração de pesquisas e políticas que tenham como meta o direito à cidade e ao lazer para crianças e adolescentes (DONIN NETO; BOEIRA, 2022).



Outro texto relevante para análise aborda o encontro das juventudes quilombolas rurais e urbanas de duas comunidades localizadas no município de Garanhuns/PE. Ele foi publicado em 2018 e apresenta as seguintes palavras-chave: Jovens quilombolas; Jovens urbanos; Interseccionalidade. A pesquisa foi realizada por meio de observação participante nas comunidades, com a aplicação de entrevistas semiestruturadas com os/as jovens. O lazer foi identificado como vivência principalmente dos finais de semana dos/as jovens da cidade que frequentam as comunidades quilombolas. Já os/as jovens quilombolas procuram a área urbana para o lazer, o trabalho e o estudo.

Os dados construídos foram analisados a partir da interseccionalidade de gênero, raça e classe social, categorias tratadas como variáveis dependentes, considerando que a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela. O preconceito e a discriminação, principalmente na relação dos quilombolas com a população urbana, têm funcionado como mecanismos de opressão e exclusão que, por vezes, são legitimados socialmente pelos sistemas de segurança, de educação, de saúde, entre outros (SILVA, MENEZES, 2018). Como base teórica para as análises, foram utilizadas autoras como Adriana Piscitelli; Avtar Brah e Kimberlé Crenshaw.

As autoras deste artigo são da área da Psicologia e fizeram a opção de limitar a compreensão do lazer associado a práticas de torneios de futebol, vivências de bares e refúgio do trabalho, numa conotação mais utilitarista da experiência. Dessa forma, o lazer pode estar relacionado à manutenção de sistemas de opressão, considerando sua limitação no âmbito cultural e os atravessamentos de classe, gênero e raça. Nesse contexto, os sistemas de opressão, marcados pela colonialidade, reduzem as possibilidades de experiências de lazer dos/as jovens, de modo que a alteração dessa realidade



demanda investimento em políticas para juventude como forma de garantia de uma vida mais digna para os/as jovens quilombolas.

O cinema produzido por cineastas negras foi objeto de estudo de um dos artigos selecionados, que buscou investigar as intersecções de gênero/raça nas trajetórias socioespaciais das cineastas participantes do estudo. Por se tratar de mulheres negras, foi objetivo da pesquisa compreender as estratégias utilizadas pelas cineastas para enfrentar o racismo e o sexismo, tanto no fazer cinematográfico quanto nas vivências de lazer. As palavras-chave do texto foram: Cineastas negras, Atividades de lazer, Racismo e Sexismo. Por meio de entrevistas a sete cineastas, foi identificado que as narrativas de si, a participação em associações de coletivos pretos e festivais de cinema com temática negra e a vivência de um "lazer diferenciado", que possa ser desfrutado criticamente, foram as principais estratégias adotadas pelas entrevistadas para o enfrentamento do racismo e do sexismo.

Em relação aos conceitos de interseccionalidade adotados, por meio do referencial teórico produzido por Kimberlé Crenshaw e Angela Davis, as autoras desse artigo sinalizaram que a interseccionalidade “adquire fundamentação epistêmica e metodológica no feminismo negro decolonial, uma vez que a trajetória de uma mulher negra perpassa marcadores de opressão de raça, gênero e classe, entre outros” (VIANA; GOMES, 2021, p. 264).

Em relação aos saberes mobilizados na relação entre lazer e interseccionalidade, o estudo indica que as práticas do lazer que remetem ao universo da ancestralidade africana estão na contramão de determinadas compreensões que não acolhem a condição dos sujeitos, que são históricos, sociais e culturais. Nesse sentido, as autoras trabalham com a ideia de que o lazer é um fenômeno que pode fortalecer a existência das pessoas negras de forma digna e humana. Para o grupo de cineastas que fizeram parte da pesquisa, “a multidimensionalidade do lazer cinematográfico produzido e,



sobretudo, vivido, se configura como dialógica, com enredo político, ético e afirmativo” (VIANA; GOMES, 2021, p. 293).

Num outro artigo, um bloco de tambores de uma comunidade em Buenos Aires, composto por representantes de dois movimentos sociais de mulheres e de mulheres LGBTIQ+, foi objeto de estudo para investigar como as experiências culturais e artísticas desafiam os discursos sobre gênero, raça, classe e as políticas promulgadas para esse setor, enfatizando formas de organização e gestão cotidiana. Por meio do estudo etnográfico, foi possível compreender as dificuldades relacionadas a recursos, espaços, necessidades prioritárias, destacando a cultura como atividade essencial. Além disso, foram abordados os desafios da autogestão da organização feminista, com o levantamento de elementos como: tempo, cuidado, prazer, lazer, hierarquia da prática artística. As palavras-chave deste artigo foram: Práticas culturais/artísticas; Movimentos sociais (trans) feministas; Precariedade, Etnografia e Interseccionalidade.

O referencial teórico utilizado tem aporte em várias autoras negras, tais como Angela Davis, Kimberlé Crenshaw e Patrícia Hill Collins. O artigo parte do entendimento da indivisibilidade das categorias de classe, raça/etnia e gênero para compreender como os sujeitos culturais do bloco de tambor, conscientemente ou não, enfatizam a naturalização das relações de poder nas formas de fazer cultura num território e num determinado momento. A partir do estudo, foi possível perceber que as mulheres do bloco entendem a prática cultural/artística como uma ferramenta para fazer as vidas mais habitáveis em dois sentidos: o ensino dessa ferramenta artística, por um lado, e a geração de um espaço de lazer político, por outro (KAPLAN; ANDRADE, 2022).

Podemos inferir que os autores e autoras que discutem a interseccionalidade no campo do lazer não se aprofundam nos quatro domínios de poder citados por Patricia H. Collins e Sirma Bilge (2021). Num



dos textos mais recentes, as autoras afirmam que existem quatro domínios de poder associados à interseccionalidade, são eles: o estrutural, o cultural, o disciplinar e o interpessoal. Embora sejam diferentes, eles estão interconectados e produzem a definição das nossas práticas sociais organizacionais de vida.

Os textos produzidos no campo do lazer atuam com abordagem interseccional, ampliam olhares e jogam luz para esse conceito de forma que ele opere como ferramenta analítica, pedagógica e política, mas ainda não dão conta de fazer essa interconexão com os dispositivos de poder que colonizam. O conjunto de saberes recrutado ainda não rompe com a colonialidade do saber, de modo que, diante desses indícios, é necessário ampliar a produção, as investigações e os rompimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse cenário restrito de aproximadamente dez anos de produção sobre interseccionalidade e lazer, podemos arriscar afirmar que, no campo do lazer, os textos focalizam a interseccionalidade considerando as opressões de gênero, raça e classe. São textos que, em sua maioria, fundamentam-se em autoras negras e tomam a interseccionalidade como ferramenta de intervenção analítica, política e pedagógica.

Os saberes mobilizados em torno da interseccionalidade que se cruzam no campo do lazer são: a) o acesso de mulheres lésbicas ao lazer; b) práticas de projetos de extensão no sentido de educar para as diferenças e a redução de desigualdades e opressões; c) o cruzamento do acesso e da democratização do direito social ao lazer por meninas crianças e adolescentes; d) abordagem das minorias sociais e lazer; e) a dedicação aos contextos da mulher atravessada interseccionalmente pelas possibilidades mínimas de



experiências de lazer; f) o lazer como enredo político, ético e afirmativo para enfrentamento das desigualdades sociais.

Notamos ainda que a categoria gênero está mais presente nos estudos que se propõem a fazer um atravessamento interseccional. Podemos afirmar que a categoria classe se retrata pela desigualdade social e a falta de acesso a um direito social, e a categoria raça é a que menos se sobressaiu nos estudos, considerando o recorte metodológico. O ativismo é uma categoria que também se interconecta com os textos e auxilia na reflexão crítica sobre o olhar interseccional.

Outro destaque na base teórica de grande parte dos artigos é a ênfase a uma epistemologia feminista negra, que há de ser respeitada e difundida cada vez mais. Nesse sentido, é importante destacar que falar de interseccionalidade e intersecção não é dizer puramente de diferenças, mas enfatizar a opressão que o conjunto de mulheres diaspóricas sofrem pelo mundo.

E, por fim, a produção de conhecimentos implica em refletir e aplicar a interseccionalidade como uma ferramenta analítica que enfrenta criticamente a colonialidade do saber, ao dar visibilidade a um conjunto de saberes que até pouco tempo eram invisibilizados. O projeto colonial impôs crenças, imagens e o uso de padrões dominantes para impedir e controlar a produção cultural dos ditos dominados. O lazer, como manifestação cultural diversa e inclusiva, revela-se como um espaço/tempo possível para que a interseccionalidade seja, de fato, uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências.



REFERÊNCIAS

ALVES, Cathia.; PIASSI, Luis. P. de C.; BAPTISTA, Maria M. R. T. O projeto "Banca da Ciência", o lazer e o tráfego interseccional em tempos de pandemia. *Revista Em Extensão*, Uberlândia, p. 212-228, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/63022>. Acesso em: 10 fev. 2024.

ALVES, Cathia. O cruzamento com as interseccionalidades de raça, gênero e classe: artefatos culturais e o lazer. In: CHAVES, Elisângela; ISAYAMA, Hélder F.; BAHIA, Mirleide C. *Os Estudos do lazer, ócio e recreação na Iberoamérica*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 101 – 122, 2021. Disponível em: <https://www.mercado-de-letras.com.br/resumos/pdf-01-09-22-19-28-04.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

ARAÚJO, Allyson Carvalho; HARTEL, Amanda Martins; BORGES, Livia Samila Bezerra; ARAÚJO, Virgílio Pimentel; MOIA, Melissa Nunes. Interseções entre saúde e lazer: notas sobre a formação em saúde na universidade federal do rio grande do norte. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1114/819>. Acesso em: 14 mar. 2024.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade (Feminismos Plurais)*. São Paulo: Pólen, 2019.

BARBOSA, Carla; LIECHTY, Toni; PEDERCINI, Raquel. Restrições ao Lazer Feminino: Particularidades das Experiências de Lazer de Mulheres Homossexuais. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/653> . Acesso em: 7 mar. 2024

BOUTELDJA, Houria. Raça, classe e gênero: uma nova divindade de três cabeças. *Cadernos de gênero e diversidade*, [S.l.], v. 02, n. 02 - Jul. - Dez., 2016. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>. Acesso em: 7 mar. 2024.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 151-172, 2010.



CIXOUS, Hélène. O sexo ou a cabeça. In: BAPTISTA, Maria Manuel (org.). *Gênero e Performance: textos essenciais I*. Coimbra: Gracio, 2018. Original: CIXOUS, Hélène. "Le sexe ou la tête?" in: *Les Cahiers du GRIF*, nº13: "Elles consonnent. Femmes et langages II", pp.5-151.1976_ https://www.persee.fr/doc/grif_0770-6081_1976_num_13_1_1089 Acesso em: 14 mar. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos feministas*, v. 171, n. 1, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 14 mar. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Tradução: mapeando as margens: interseccionalidade, políticas identitárias e violência contra mulheres de cor. In: MARTINS, A. C.; VERAS, E.F. *Corpos em aliança: diálogos interpretativos sobre gênero, raça e sexualidade*. Curitiba: Appris, 2020.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAVIS, Ângela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

DONIN NETO, Adriano.; DOS SANTOS BOEIRA, Laura. Cidade das meninas invisíveis: cartografias de gênero nos espaços públicos livres de Florianópolis. *Periodicus*, [S. l.], v. 1, n. 18, p. 48-63, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/49823> Acesso em: 9 mar. 2024.

FANON, Frantz. *Pele Negra Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Cláudia Aparecida Avelar; NUNES, Simone Costa. Motivação para voluntariado: Trajetórias de uma ativista negra. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 13, n. 37, p. 307-328, out. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1158/1208>. Acesso em: 20 jan. 2024.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org). *Interseccionalidades: pioneiras no feminismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.



GUAJAJARA. Kaê. *Ancestralizou* [canção] 2021. Disponível em: https://open.spotify.com/track/4VWie0quu9SN1UiXqFe4pS?si=Tivy3wywS6K99e68vXApvQ&utm_source=whatsapp&nd=1. Acesso em: 11 out. 2022.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, São Paulo, v. 26, n. 1, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100005> Acesso em: 14 mar. 2024.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. Recreação e lazer: na formação profissional em educação física: reflexões sobre o currículo. In: WERNECK, Christianne L. G.; ISAYAMA, Hélder Ferreira. *Lazer, recreação e educação física*, 2003, p. 173-214.

KAPLAN, Yanina; ANDRADE, Marcela País. Experiencias culturales/artísticas (trans)feministas: Estudio etnográfico de los procesos de organización del "bloco". *Cuadernos de Antropología Social*, Buenos Aires, n. 56, p. 201-218, abr./nov. 2022. Disponível em: <https://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/CAS/article/view/11440> Acesso em: 9 mar. 2024.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARCELLINO, Nelson C. A ação profissional no lazer, sua especificidade e seu caráter interdisciplinar. In: MARCELLINO, Nelson C. (Org.). *Lazer: formação e atuação profissional*. 9 ed. Campinas: Papirus, 2004, p. 13-22.

MICHELONE, Catarina.; ALVES, Cathia. O Projeto Banca da Ciência: Reflexões em Torno da Vertente do Lazer e da Diversidade Cultural. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 751-772, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/29492> Acesso em: 7 mar. 2024.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2021.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (org.). A



colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 33-49.

OYEWUMÍ, Oyeronké. Conceitualizando gênero: a fundação eurocêntrica de conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org) *Pensamento feminista hoje perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. GROSFOGUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

PARAISO, Marlucy. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar E. Paraiso, M. A. (org) *Metodologias de pesquisas pós-crítica em educação*. Belo Horizonte: Mazza, 2014.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad y modernidade/racionalidade. *Perú Indígena*, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

RESTREPO, Eduardo.; ROJAS, Alex. *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos*. Colômbia: Universidad del Cauca, 2010.

RICARDO, Namuetcha S.; COUTO, Ana Cláudia P. Intersecções entre lazer e esporte performance: uma análise das práticas de lazer dos atletas olímpicos de taekwondo do Brasil. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, mar. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/45704>. Acesso em: 14 mar. 2024.

SANTO, Wecisley Ribeiro do Espírito; RETONDAR, Jeferson José Moebus. Direito ao lazer e direito à cidade: interseções a partir de um projeto de extensão universitária. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 1., p. 251-262, jan./mar. de 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/jgBqK8RVBL7m7QnySmQtFbp/>. Acesso em: 14 mar. 2024.

SILVA, Roseane Amorim; MENEZES, Jaileila de Araújo. As fronteiras (in)visíveis entre as juventudes quilombola e urbana. *Revista Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 52, p.131-149, jul/dez. 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/13025>. Acesso em: 14 mar. 2024.



SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes. Intersecções entre balé, gênero e sexualidade na produção acadêmica no Brasil: revisão de teses e dissertações. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, set. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/36330>. Acesso em: 14 mar. 2024.

VIANA, Iara Félix Pires; GOMES, Christianne Luce. Lazer, cinema e trajetórias socioespaciais de cineastas negras: desvelando estratégias para enfrentar o racismo/sexismo. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 24, n. 4, dez/2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/37728>. Acesso em: 14 mar. 2024.

Recebido em: 15/03/2024

Aprovado em: 23/07/2025